
7º
Conversando sobre o
Rio Jundiaí
"ele passa por aqui"
Realização:
CT-OL
Câmara Técnica de Outorgas e Licenças dos Comitês PCJ
COMITÊS PCJ
Apoio:
PCJ
Agência das Bacias PCJ

Ocupação histórica do território de Jundiaí a partir do Rio Jundiaí

Alexandre Oliveira – Historiador e Educador

Graduado em História pela Universidade Federal de Ouro Preto, Mestre em Artes pela Unesp e cursando o Mestrado Profissional em Ensino de História na Unicamp.
Professor de projetos no CIEMPI/ Secretaria de Educação da Prefeitura de Jundiaí - SP

Índice

Memórias e histórias de Jundiaí..... 03

Entre vistas: cidades que vivem nas memórias..... 04

Capítulo 1 17
Cronologia da história de Jundiaí

Capítulo 2 25
Histórico do Núcleo Urbano inicial de Jundiaí

Capítulo 3 58
Evolução urbana de Jundiaí entre o final do século 19 e meados do século 20

Capítulo 4 78
"Porto Seco": a villa fermosa de N. S. do Destêrro do Mato Grosso de Jundiahy

Capítulo 5 94
A cidade e suas águas

Capítulo 6 141
O início da industrialização em Jundiaí (1870 - 1950)

Capítulo 7 196
Registros e ausências nas projeções da modernidade capitalista em Jundiaí

Capítulo 8 231
Passados indígenas e afrodiaspóricos na "terra querida"

Referências Bibliográficas 273

https://www.sescsp.org.br/editorial/entre-vistas-a-jundiai-na-memoria-de-seus-habitantes/

1 - Histórico da ocupação do território: por uma educação disruptiva
1.1 Os primeiros habitantes do território de Jundiaí - SP
1.2 Passados indígenas no território de Jundiaí - SP
1.3 A colonização portuguesa a partir da rede hidrográfica do território

2 - A conformação urbana de Jundiaí a partir dos Rios Jundiaí, Guapeva e Córrego do Mato

3 - Água para beber: os antigos bebedouros de Jundiaí

4 - A água como beleza: fontes em espaços públicos

5 - Considerações finais

1 - Histórico da ocupação do território: por uma educação disruptiva



Fonte: https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2021/12/01/jundiai-comemora-365-anos-pela-segunda-vez-apos-documento-alterar-data-de-fundacao-da-cidade.ghtml. Acesso em 22 set. 2026

1.1 Os primeiros habitantes do território de Jundiaí



Ferramenta pré-colonial em sílex. Acervo arqueológico do Museu Histórico e Cultural de Jundiaí. Fotografia do Acervo do AHMJ.



Machado semilunar. Material lítico. Acervo arqueológico do Museu Histórico e Cultural de Jundiaí. Fotografia do Acervo do AHMJ.

Entre 8000 e 6000 anos atrás

“Essa ocupação está relacionada a grupos nômades, com economia voltada para a caça e coleta, de baixa densidade demográfica e grande mobilidade. O principal vestígio deixado por essas sociedades é uma indústria lítica (de pedra lascada)” (MORALES, 2000. p. 10)

Alguns objetos relacionados a esse período foram encontrados em bairros como **Currupira** e **Engordadouro**, como: pontas de projétil, mão-de-pilão, lâmina de machado, machado semilunar.

1.2 Passados indígenas no território de Jundiaí - SP

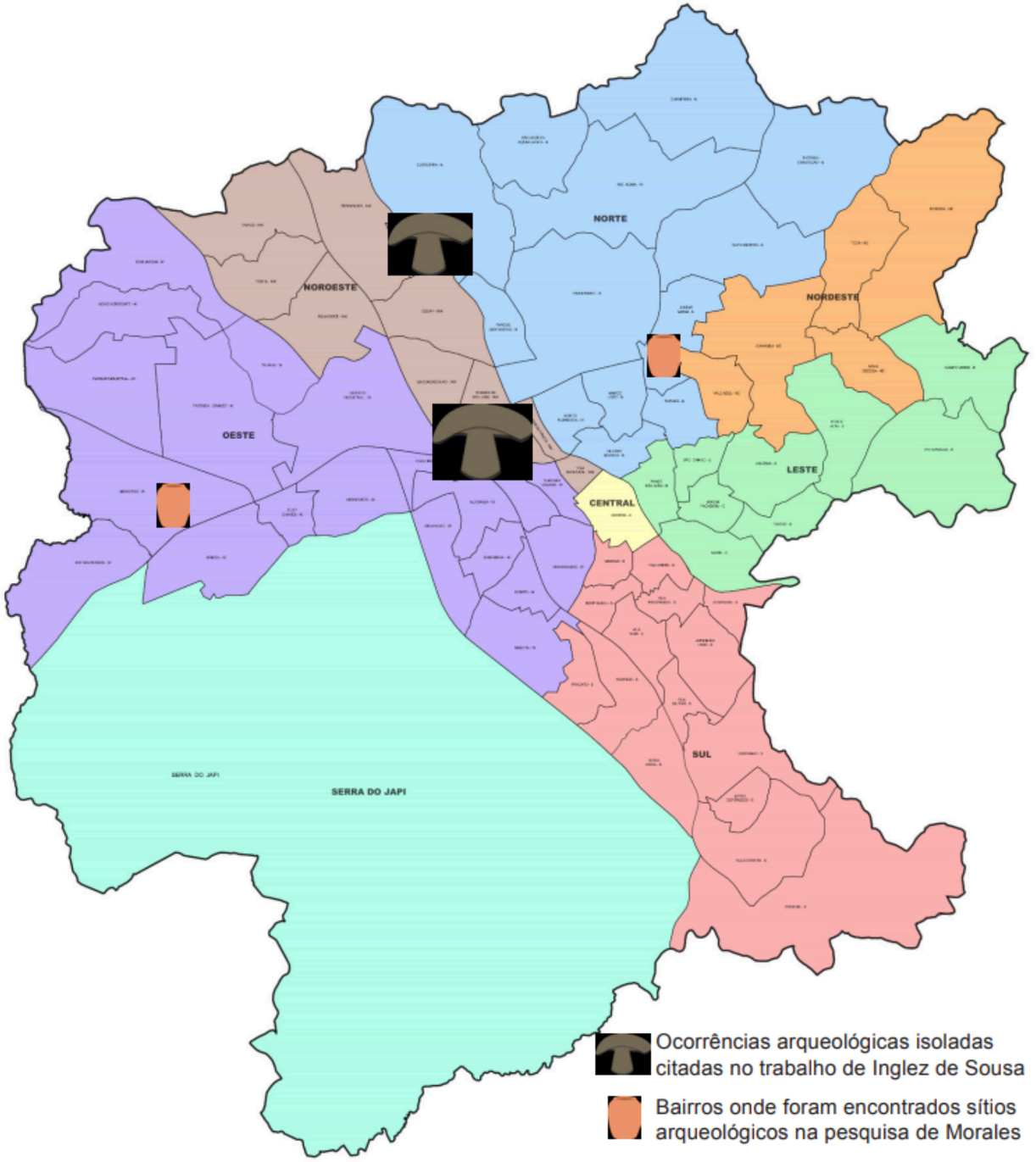


Cachimbo com motivo decorativo Tupi-guarani encontrado no bairro do Medeiros em Jundiaí. O artefato apresenta um símbolo em espiral, imagem comum na cultura tupi-guarani, embora ocorram registros semelhantes na arte rupestres há milênios. Acervo arqueológico do Museu Histórico e Cultural de Jundiaí. Fotografia do acervo do AHMJ.

Por volta de 2000 anos antes do presente

“Em épocas bem mais recentes tem início a sedentarização e a domesticação das plantas por alguns desses grupos caçadores-coletores que entre 2000 e 500 anos antes do presente transformariam a agricultura em sua maior fonte de alimentos. Estes grupos horticultores viviam em aldeias, conheciam a manufatura cerâmica e tinham maior densidade demográfica e complexidade social do que aqueles do período Arcaico, e não eram muito diferentes das populações encontradas pelos portugueses que por aqui aportaram em 1500” (MORALES, 2000. p. 11)

Sítios arqueológicos com fragmentos de cerâmica da Tradição Cultural Tupi-Guarani foram encontrados em bairros como **Medeiros** e **Jundiaí-Mirim.**

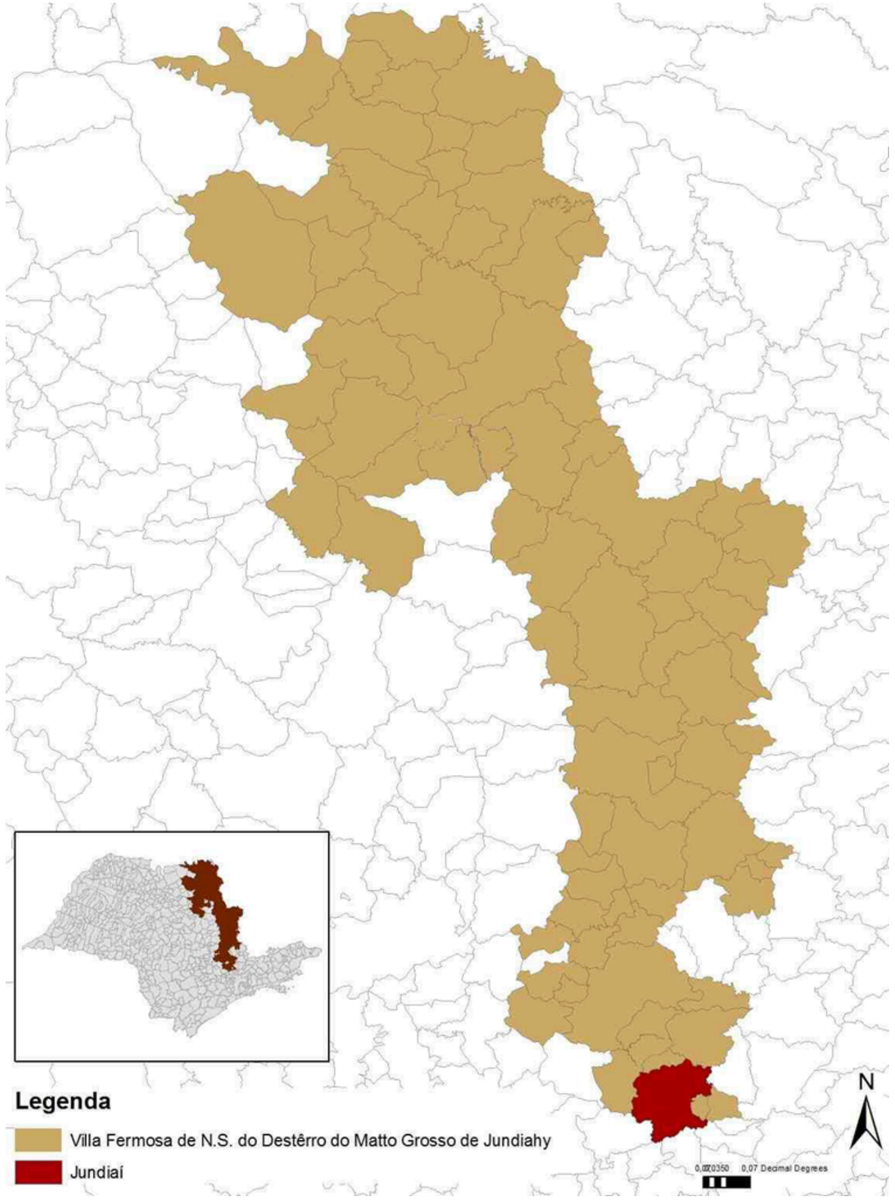

NORTE
NOROESTE
NORDESTE
OESTE
LESTE
CENTRAL
SUL
SERRA DO JAPI
Ocorrências arqueológicas isoladas citadas no trabalho de Inglez de Sousa
Bairros onde foram encontrados sítios arqueológicos na pesquisa de Morales

Passados indígenas: toponímia

Atibaia; Capivari; Itatiba; Itu; Itupeva; Jarinu; Jundiaí; Mogi Mirim; (Salto de) Pirapora; (Santana de) Parnaíba

Nomes com origem no Tupi Antigo ou na Língua Geral Paulista. Retirado de NAVARRO, E. de A. Os nomes de origem indígena dos municípios paulistas: uma classificação. Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978), [S. l.], v. 50, n. 2, p. 733–752, 2021. DOI: 10.21165/el.v50i2.2865. Disponível em: https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2865

1.3 A colonização portuguesa a partir da rede hidrográfica do território



Fonte: IZAIAS, Katia Cristina da Silva. População e dinâmica econômica na formação da Cidade de Jundiaí - 1615-1890. Dissertação (Mestrado em Demografia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas: Unicamp, 2012. (Orientação: Rosana Baeninger).

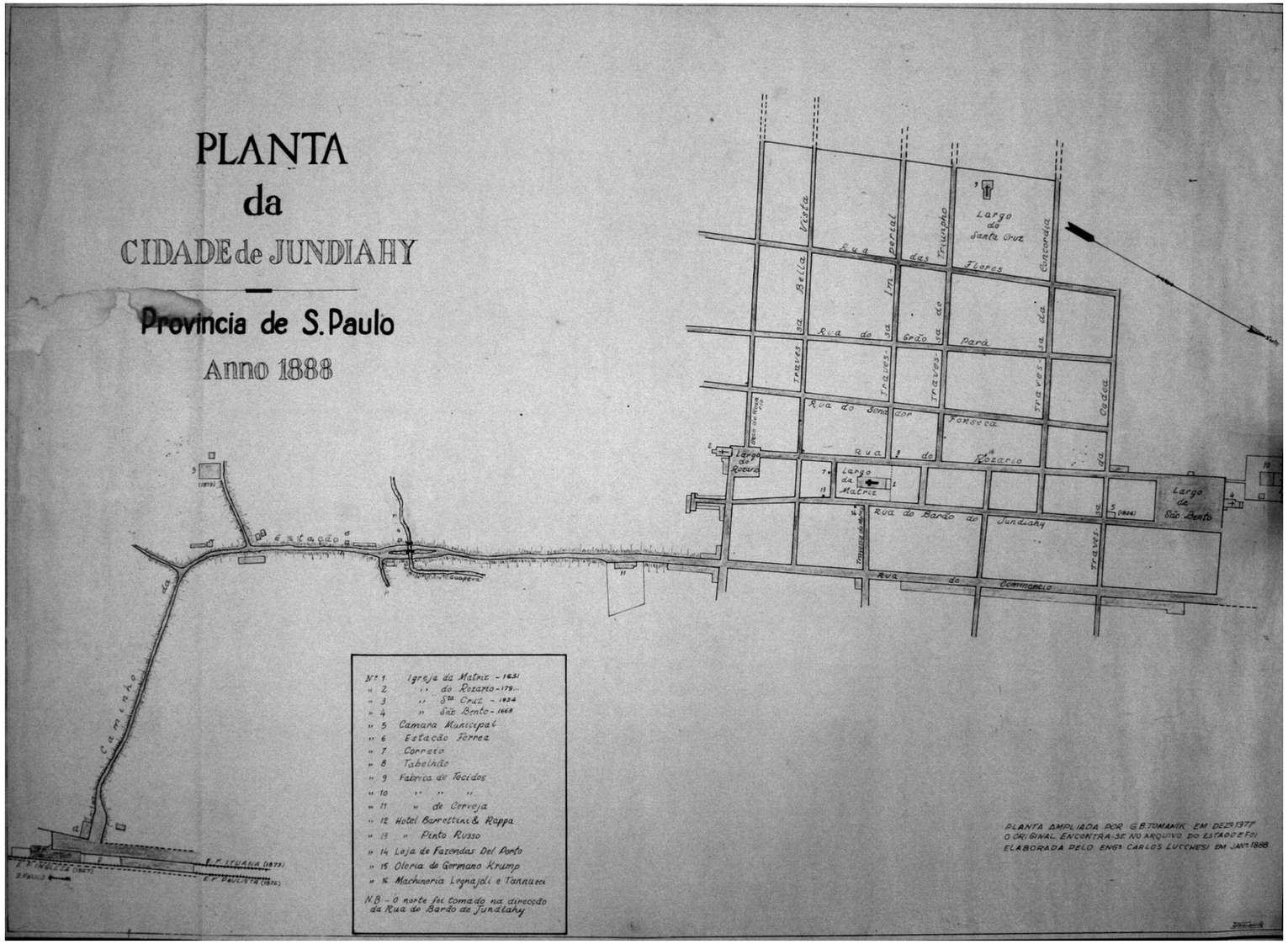


Detalhe do Mapa da capitania de São Paulo e seu sertão. Elaborado por Franciso Tosi Colombina. Século 18. Acervo da Biblioteca Nacional. Na parte inferior direita, notar a indicação de São Vicente e Santos, mais acima a Vila de São Paulo e acima a Vila de Jundiahy. A linha vermelha tracejada é o CAMINHO DOS GOYASES, um dos caminhos coloniais mais importantes para a ocupação dos atuais estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

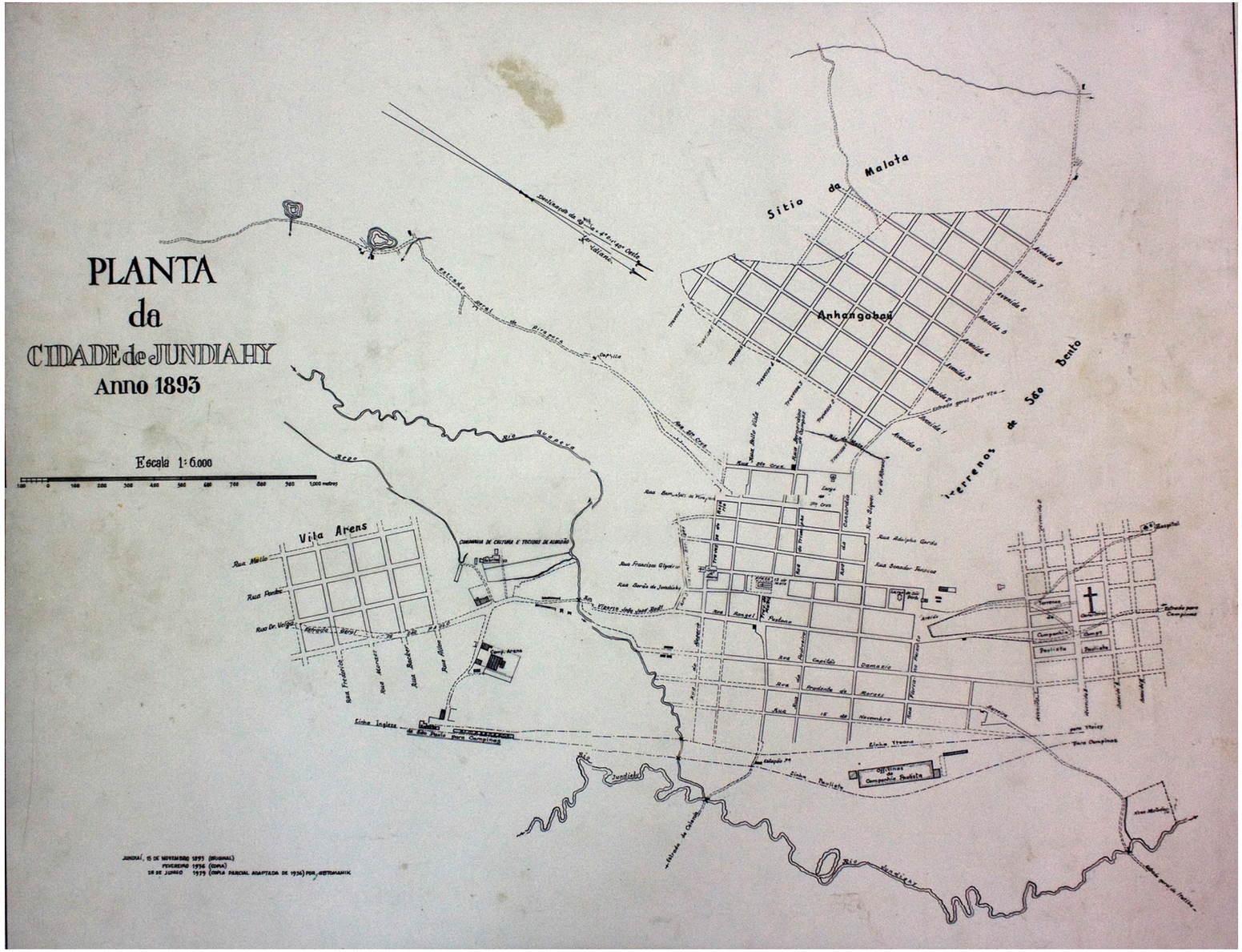


Mapa da capitania de São Paulo e seu sertão. Elaborado por Franciso Tosi Colombina. Século 18. Acervo da Biblioteca Nacional.

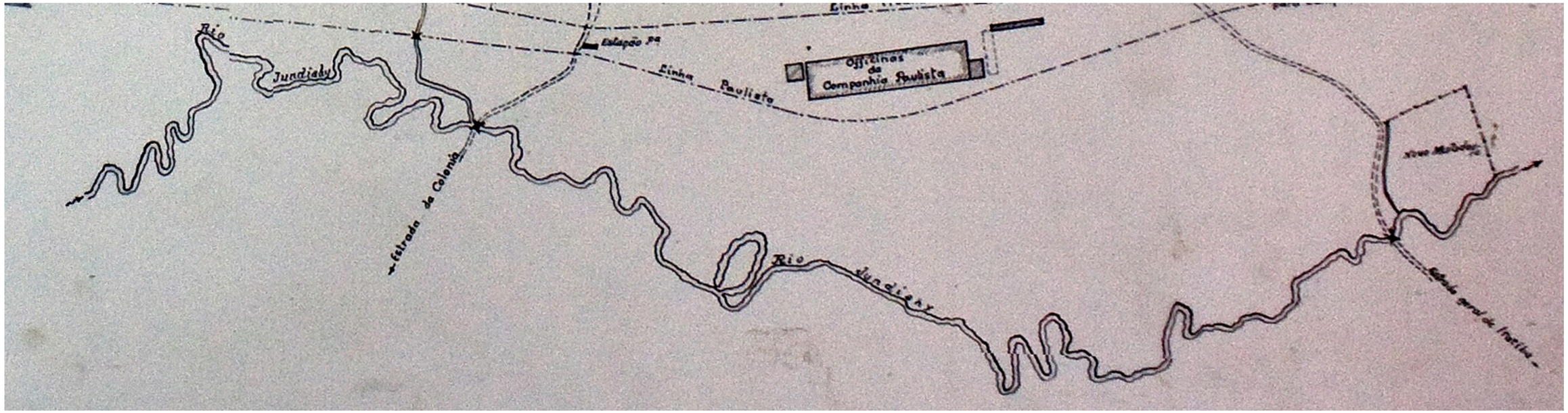
2 - A conformação urbana de Jundiaí a partir dos Rios Jundiaí, Guapeva e Córrego do Mato



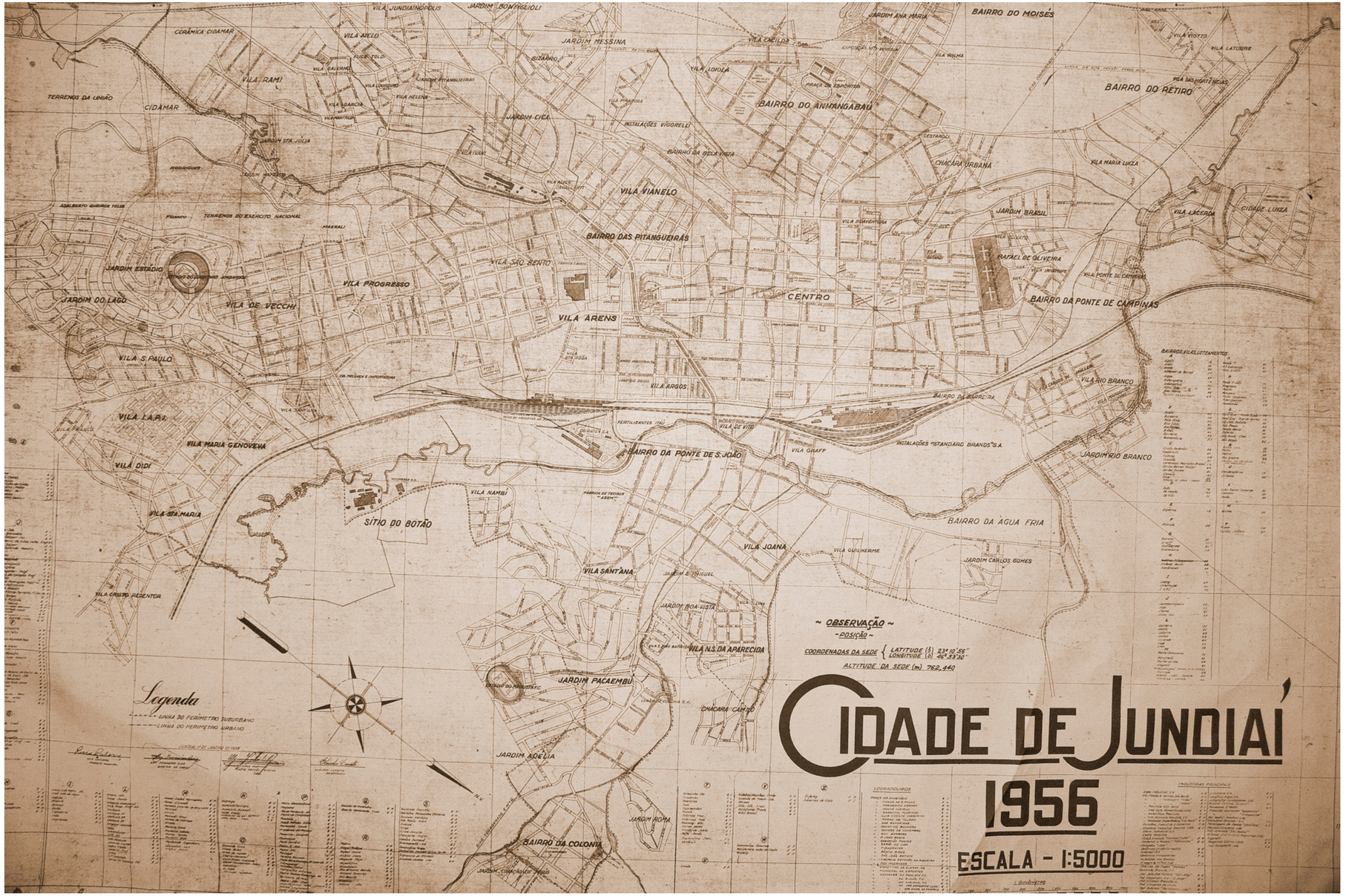
Planta da Cidade de Jundiahy (1888). Planta ampliada por Geraldo B. Tomanik em 1977. O original se encontra no acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo e foi elaborado pelo engenheiro Carlos Lucchesi em janeiro de 1888. Notar a grafia antiga JUNDIAHY e o termo PROVÍNCIA, substituído pelo termo Estado, a partir da Proclamação da República em 1889. Acervo AHMJ.



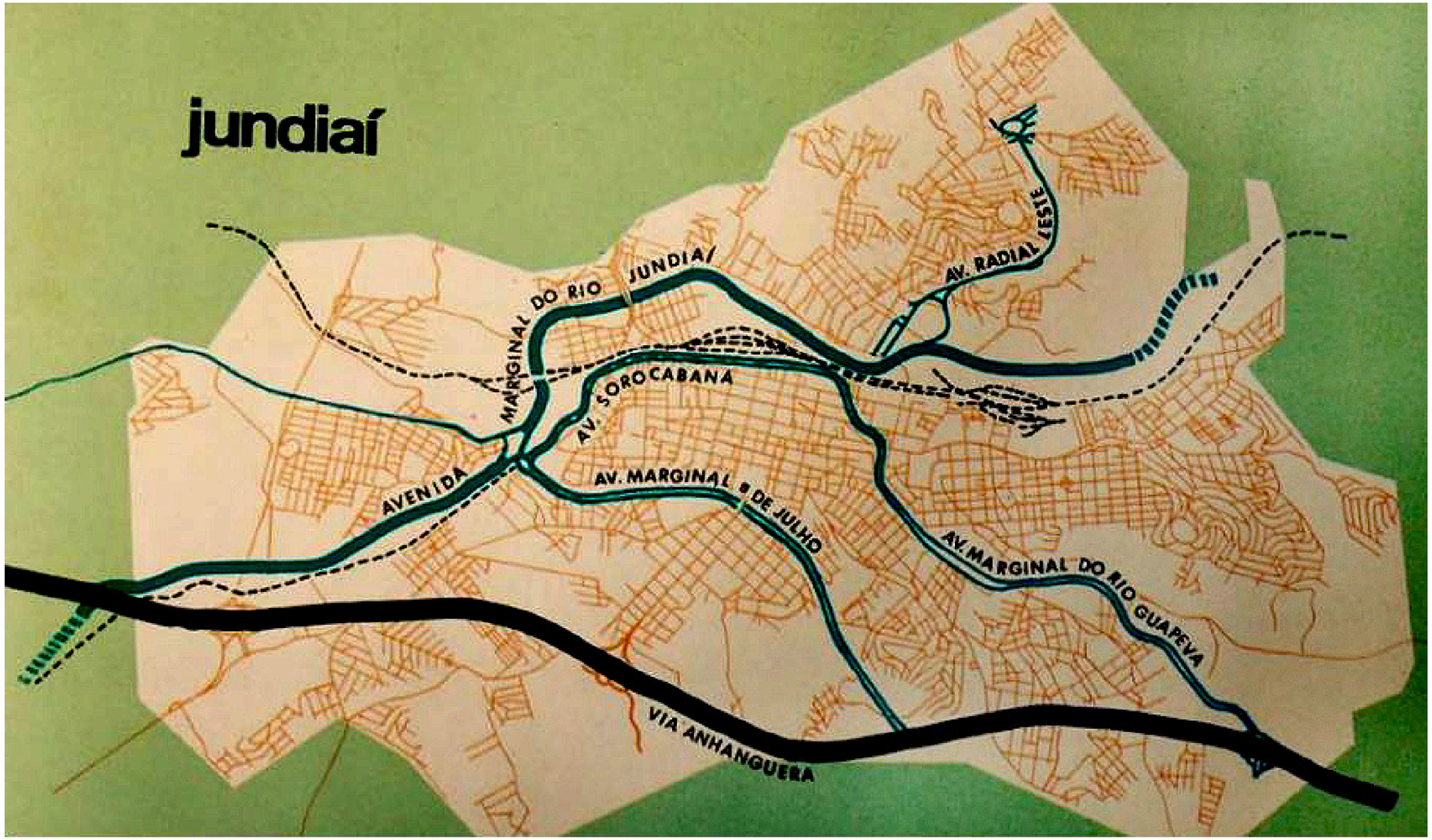
Planta da cidade de Jundiahy (1893). Original feito em 1893. Cópia de fevereiro de 1936. Cópia parcial adaptada de 1936 por Geraldo B. Tomanik em 1979. Acervo AHMJ



Detalhe da planta da cidade de Jundiahy (1893). Acervo AHMJ. O recorte feito nessa imagem usou como referência o percurso sinuoso do Rio Jundiaí antes dele ser retificado.



Planta da cidade de Jundiaí (1956). Acervo AHMJ



Divulgação do plano de obras viárias pelo Prefeitura Municipal de Jundiaí, em 1975. Assim como outras cidades brasileiras, como São Paulo, o modelo rodoviarista foi a principal referência nos projetos de infraestrutura e mobilidade urbana, com a ocupação dos vales dos rios que passam pelas áreas de crescimento da cidade. Acervo AHMJ.



Perspectiva do centro da cidade em direção às oficinas da Companhia Paulista, início do século 20. Em primeiro plano, à esquerda, o atual Museu Histórico e Cultural de Jundiaí "Solar do Barão". Em segundo plano, as oficinas da Companhia Paulista, no centro da fotografia. Ao fundo, vê-se a várzea do rio Jundiaí ainda praticamente sem construções no local onde atualmente é o entorno da Av. Antônio Frederico Ozanam. Acervo AHMJ.



Vista aérea da Avenida Marginal do Rio Jundiaí, que foi denominada Avenida Antônio Frederico Ozanan, aparecendo em destaque o pátio de manobras da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, por volta da década de 1970. Notar o percurso do Rio Jundiaí já retificado e um significativo aumento da ocupação por áreas residenciais e galpões, numa região que até cerca de 20 anos antes desse registro tinha a necessidade de cancelas de controle de tráfego, as “porteiras”, no dizer dos moradores mais antigos. Acervo AHMJ.



Fotografia tirada do pontilhão da Avenida Jundiaí, destacando a retificação do Córrego do Mato e a construção da atual Avenida Nove de Julho. Em segundo plano, à direita, o antigo edifício da rede "Pão de Açúcar Jumbo", onde atualmente funciona um hipermercado, mas cuja construção original foi um edifício industrial de uma importante indústria têxtil, a tecelagem São Jorge. Ainda hoje há casas remanescentes da vila operária dessa fábrica ao lado desse prédio. Fotografia década de 1970. Acervo AHMJ



X



À esquerda, perspectiva de uma parte da várzea do Córrego do Mato, curso d'água que passa pela atual Av. Nove de Julho. Notar ao fundo o prédio do antigo "Jumbo" e a torre da Igreja de N. S. do Rosário e São Benedito, construída na década de 1930. Fotografia do início da década de 1970. Acervo AHMJ. Á direita, Divulgação da inauguração da Av. Nove de Julho, em 1975. Fica evidenciada a noção de progresso associado ao modelo rodoviarista. Acervo AHMJ.



Perspectiva da Avenida Jundiaí na década de 1950. Essa fotografia serve como registro do processo de expansão urbana nessa região da cidade a partir da lógica rodoviarista (predomínio do uso de rodovias nos transportes e deslocamentos) implementada no Brasil em meados do século 20.

Esse período é marcado por uma inflexão do urbanismo na cidade e isso, em grande medida, foi materializado pelo pensamento e as ações do arquiteto Vasco Venchiarutti (*1920 + 1980), prefeito por duas gestões (1948 a 1951 e 1956 a 1959).

Desde a segunda metade do século 19, as linhas urbanas de Jundiaí tinham como referência o eixo formado pelo entorno da Igreja de N. S. do Desterro e a estação ferroviária da São Paulo Railway. A partir da construção da Rodovia Anhanguera (1940) e da Rodovia dos Bandeirantes (1960), houve uma mudança para o eixo oeste da cidade.

Assim, os projetos idealizados e executados por Vasco Venchiarutti, como a Avenida Jundiaí, o “Parque da Uva” (Parque Municipal Comendador Antônio Carbonari) e o “Bolão”, simbolizam a reconfiguração urbana de Jundiaí nesse novo contexto e que está presente atualmente, pois o Vetor Oeste concentra cerca de 1/3 da população de Jundiaí e é uma das principais áreas de expansão de atividades econômicas. Fotografia de João J. Janczur. Acervo AHMJ

Trecho retirado da Revista Sultana – Revista Mensal Jundiahyense – N. 27. Dez. 1935 (Foi mantida a grafia original na transcrição) Acervo AHMJ

Banham o município, os rios Jundiahy com um curso de 50 kilometros; o Jundiahy-Mirim com 20 kilometros; o “Guapeva”, 20 kilometros de curso, lança-se no Jundiahy junto a ponte de S João: o ribeirão da Cachoeira com 15 kilometros; o ribeirão da Ermida, com 13 e o do Caruru com 12 kilometros. Os rios Jundiahy e Guapeva e o ribeirão da Ermida são aproveitados como força hydraulica, sendo os dois primeiros e o Jundiahy-Mirim muito piscosos. Com excepção do rio Jundiahy, que não nasce no municipio e lança-se no Tietê, junto ao salto de Itú, todos os outros tem nascente e foz, dentro do municipio.
Os Jundiahy e Guapeva dão ocasião a enchentes prejudiciais e nenhum é navegável devido a grandes obstáculos: saltos, corredeiras formadas por blocos de pedra e rocha nativa e pela pouca profundidade. Nas margens do Jundiahy existem mais de 20 kilometros de terrenos alagadiços, formando enormes pantanos.



Fotografia tirada do “Escadão” da enchente do Rio Guapeva, em 1929, na Vila Arens. Notar à esquerda a vila operária e os edifícios da Argos Industrial S/A inundados. As águas chegavam nos quarteirões vizinhos, onde fica o atual prédio da Receita Federal e que originalmente foi o galpão industrial da tecelagem Rappa Milanni. Fotos Unidas Janczur e Piva. Acervo AHMJ.



42 Perspectiva da Rua Vigário J.J. Rodrigues, tendo no centro da imagem uma ponte sobre o Rio Guapeva. Ao fundo, o morro do Escadão, a antiga Escola Industrial (atual EE Antenor Soares Gandra), o Grupo Siqueira Moraes (atual Pinacoteca Diógenes Duarte Paes) e o Cine Theatro Polytheama. Janeiro de 1949. Foto Record. Lasdislau Janczur. Acervo AHMJ.



Fotografia de um bloco de carnaval, “Guapeva”, em Jundiaí, na primeira metade do século 20. Essa fotografia nos indica como as enchentes no Rio Guapeva já faziam parte do imaginário social. Daí a lógica do humor do grupo de amigos e amigas: eles vestidos de marinheiros, num carro paramentado como um barco e um dos participantes segurando uma flâmula escrito “Guapeva”. Fotografia de Janczur. Acervo AHMJ.

3 - Água para beber: os antigos bebedouros de Jundiaí



Perspectiva do Largo São José (atual Praça Dr. Domingos Anastácio) em direção ao Largo da Matriz (atual Praça Gov. Pedro de Toledo). Destaque para o bebedouro em primeiro plano. Era usado por quem ia para, entre outros lugares, Bairro da Ponte São João, Colônia, Caxambu, Atibaia. Fotografia da primeira metade século 20. Acervo AHMJ.



Perspectiva do Largo São José (atual Praça Dr. Domingos Anastácio) em direção ao Bairro da Ponte São João. No primeiro plano, à direita, o busto do Dr. Domingos Anastácio. O bebedouro aparece em segundo plano. Fotografia de 1940. Acervo AHMJ.



Fotografia tirada na década de 1930, com as obras de remodelação do antigo Largo Santa Cruz (atual Praça das Bandeiras). Ao fundo a construção da Igreja de N.S. do Rosário e São Benedito e, no centro, o antigo bebedouro. A a construção do bebedouro data da década de 1830, mas, desde o século 17, era ponto de abastecimento das bandeiras que adentravam o território, por isso a denominação Praça das Bandeiras. Foi demolido pela Prefeitura na década de 1960, por solicitação dos moradores do entorno. Era usado para quem ia para, entre outros lugares, Sorocaba e Itu. Acervo AHMJ.



Detalhe da fotografia do bebedouro do antigo Largo Santa Cruz (atual Praça das Bandeiras/Terminal Central). Meados do século 20. Acervo AHMJ



Fotografia do bebedouro da Barreira, na atual Praça Barão do Japy. Fotografia de meados do século 20. Acervo AHMJ. Era usado para quem ia para, entre outros lugares, Vila Lacerda, Hortolândia, Itatiba, Campinas, Minas Gerais. É o único bebedouro ainda existente na cidade, mas desativado.



Bebedouro da Vila Arens. Fotografia tirada por volta da década de 1960. Esse bebedouro foi destruído por uma colisão entre um ônibus e um automóvel Veraneio, em maio de 1978. Era usado por quem ia para, entre outros lugares, Estação Ferroviária, Várzea Paulista, estrada velha para São Paulo, Bairro do Castanho. Acervo AHMJ.

4 - A água como beleza: fontes em espaços públicos



Perspectiva da atual Praça Governador Pedro de Toledo, destacando a fonte em frente à Igreja N. S. do Desterro. Meados do século 20. Fotografia de João J. Janczur. Meados do século 20. Acervo AHMJ.



Reprodução de um negativo de vidro com uma perspectiva da atual Praça Gov. Pedro de Toledo e no qual há a indicação de que será usado como cartão postal. Foto Ideal, da família Janczur. Meados do século 20. Acervo AHMJ. A indicação da composição do cartão postal, expressa no corte do negativo de vidro, evidencia a valorização da fonte para compor o registro do espaço da praça principal da cidade. A composição segue uma linha que compõe um eixo entre as torres da igreja e a fonte.



Perspectiva do fundo da Igreja N. S. do Desterro (atual Praça Marechal Floriano Peixoto) mostrando a Rua do Rosário, em segundo plano, à esquerda. Em primeiro plano, os transeuntes e a fonte neoclássica à direita. Fotografia Janczur. Décadas de 1920/1930. Acervo AHMJ.



Perspectiva do fundo da Igreja N. S. do Desterro (atual Praça Marechal Floriano Peixoto) com destaque para uma fonte neoclássica inaugurada no final do ano de 1920, após uma remodelação da praça, e removida em outra reforma ocorrida entre os anos de 1938 e 1943. Fotografia Janczur. Décadas de 1920/1930. Acervo AHMJ

5 - Considerações finais

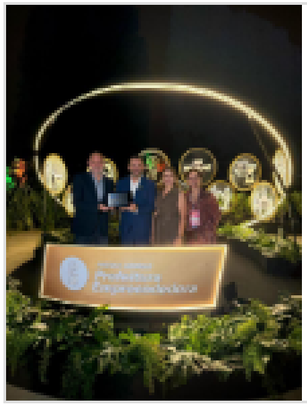
Pergunta inicial da roda de conversa mediada pela Arquiteta e Urbanista do IAB Sorocaba, Sandra Lanças, a ser realizada na parte final: **"Como as informações que você trouxe podem contribuir para a efetivação do enquadramento do Rio Jundiaí?"**

1 - A potencialidade da **memória coletiva, sobretudo trabalhos de História Oral,** para compreendermos a nossa relação com os rios no contexto de desafio que a realidade atual nos impõe: as demandas relacionadas às necessidades de uso e de preservação dos mananciais.

CIEMPI e seus territórios formativos

Eixo sustentabilidade

Projeto Origem



Escola da Gente coloca Jundiaí entre as melhores iniciativas do país em prêmio nacional...

Jundiaí escreveu mais um capítulo de sua trajetória...

jundiai.sp.gov.br

ORIGEM

A BIBLIOTECA DAS COISAS

O Projeto Origem, iniciativa do Centro Internacional de Estudos, Memórias e Pesquisas da Infância (CIEMPI), nasce do encontro entre educação, território e responsabilidade socioambiental. A partir da reutilização criativa de materiais descartados por empresas parceiras, o projeto amplia as possibilidades investigativas das crianças nas escolas municipais de Jundiaí, fortalecendo práticas pedagógicas mais sustentáveis, sensíveis e inovadoras.

O Origem transforma excedentes produtivos em experiências de aprendizagem, criação e pesquisa. Incorpora, em sua essência, ações que viabilizam aspectos previstos pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável estabelecidos no plano da Organização das Nações Unidas (ONU).

2 - Encantamento



Detalhe da perspectiva destacando a fonte em frente à Igreja N. S. do Desterro. Meados do século 20. Acervo AHMJ

Informar e despertar rememorações afetivas das águas no espaço da cidade pode favorecer um momento de inflexão e uma aproximação com essa dimensão da natureza que nos compõe em termos fisiológicos: nossa constituição celular é na sua maior parte formada por água. Ou, ainda, numa dimensão poética como nos versos de Camões em relação à nossa caminhada pela vida: *Se me levam águas/ Nos olhos as levo*